

REENCONTRO
literatura

Eros e Psiquê

Reconto de
Luiz Guasco

Ilustrações de
Thais Linhares



editora scipione

Edição
Adilson Miguel
Editora assistente
Gislene de Oliveira
Revisão
Lilian Ribeiro de Oliveira e
Paula Teixeira
Edição de arte
Marisa Iniesta Martin
Diagramação
Rafael Vianna

Programação visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.aticascipione.com.br
e-mail: atendimento@aticascipione.com.br

2018

ISBN 978-85-262-8325-1 – AL

CAE: 263089

CL: 737183

1.ª EDIÇÃO
6.ª impressão

• • •

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• • •



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guasco, Luiz

Eros e Psiquê / relato de Luiz Guasco; ilustrações de Thais Linhares. – São Paulo: Scipione, 2011. (Série Reencontro literatura)

1. Contos – Literatura juvenil 2. Eros (Divindade grega) – Literatura juvenil 3. Psiquê (Divindade grega) – Literatura juvenil I. Linhares, Thais. II Título III. Série.

11-02987

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Eros: Divindade grega: Literatura juvenil 028.5
2. Psiquê: Divindade grega: Literatura juvenil 028.5

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

<i>A lenda de Eros e Psiquê</i>	4
Capítulo 1	9
Capítulo 2	17
Capítulo 3	21
Capítulo 4	24
Capítulo 5	28
Capítulo 6	34
Capítulo 7	43
Capítulo 8	48
Capítulo 9	53
Capítulo 10	60
Capítulo 11	64
<i>Quem é Luiz Guasco?</i>	68

A LENDA DE EROS E PSIQUÊ

A lenda de Eros e Psiquê aparece no livro *Metamorfoses* ou *O asno de ouro*, de Apuleio (c. 125-c. 170), e segundo os estudiosos, a julgar pelos documentos da antiguidade que chegaram até nossos dias, não se vincula a nenhuma outra fonte, o que em princípio torna aceitável a hipótese de que o próprio Apuleio tenha criado essa história.

Com relação aos dois títulos atribuídos à obra de que a lenda faz parte, o primeiro é o que o autor teria estabelecido; o segundo foi-lhe conferido por seus muitos leitores e copistas, consagrando-se ao longo dos séculos. Aliás, a locução “de ouro”, neste caso, afirmam alguns especialistas, significa apenas que a história é valiosa por causa das qualidades que apresenta, devendo por isso ser cultivada, apreciada e preservada.

Narrado em primeira pessoa, *O asno de ouro* conta as experiências por que passou um jovem de nome Lúcio ao viajar para a cidade de Hípata, localizada na Tessália — no século II de nossa era, uma região da península grega reduzida à condição de província romana.

Lúcio, cidadão romano, homem livre e abastado, ia à procura de conhecimentos relacionados à magia, prática na qual os habitantes de Hípata eram famosos. Mas, por causa do que hoje chamaríamos de um acidente de percurso, durante suas buscas acaba transformado em asno. Daí em diante se sucedem outras trágicas reviravoltas, sempre narradas com mordacidade, certa ironia e predominantemente com irreverência: convertido em animal, privado do dom da fala humana mas não de seu intelecto, Lúcio é roubado por um bando de ladrões que tomam a casa em que está hospedado, sendo por eles utilizado para transportar parte da enorme quantidade de objetos de que se apossam no local. Subjugado pelas circunstâncias adversas, suas desventuras se multiplicam: sempre obrigado a trabalhar no limite de suas forças, sofre castigos físicos e ameaças de ser morto sob o menor pretexto; presencia ou escuta o relato de várias ações violentas e, se porventura consegue fugir, cai nas mãos de outras pessoas que também o maltratam, inclusive obtendo prazer ao atormentá-lo.

É em meio a essas complicações, a cujo relato não falta uma boa dose de humor, que o narrador afirma haver tomado conhecimento da história de Eros e Psiquê.

Curiosamente, a lenda é contada por uma velha comparsa dos bandidos, que prepara para eles as refeições no esconderijo coletivo, com o objetivo de distrair e acalmar uma jovem que os ladrões haviam sequestrado e por cujo resgate esperavam receber elevada soma de dinheiro.

Pode-se entender que a inserção dessa história no enredo funciona como um intervalo poético, uma inesperada suspensão na apresentação de episódios que descrevem circunstâncias cruéis para introduzir um tema sensível, impregnado do sentido do belo. Mas por que Apuleio teria escolhido essa narrativa, que destoa tanto das demais contidas no livro, para entremeá-la às peripécias vividas por Lúcio?

Segundo alguns estudiosos, o enredo inteiro de *O asno de ouro*, e o da lenda de Eros e Psiquê em particular, é construído à maneira de uma grande alegoria. A chave de seu significado seria a ilustração da teoria de Platão, muito familiar a Apuleio (também ele um filósofo) e a outros eruditos dele contemporâneos, acerca do destino da alma humana: a representação de seus descaminhos quando envolvida apenas com o mundo dos sentidos e sua busca por libertar-se das coerções da matéria e alçar-se a um nível mais elevado.

Assim, embora instruído, versado em artes e ciências, Lúcio deixou-se levar por sua curiosidade e se predispôs a aprender um gênero baixo de magia, que, podemos inferir do texto, só se prestaria à satisfação de caprichos pessoais. Por consequência, ficou reduzido à quase completa animalidade e sujeito a sofrimentos e temores, até finalmente voltar à forma humana ao contemplar uma procissão oficial, pública e piedosa, consagrada à deusa Deméter, à qual não faltava o componente mágico (porém norteado pelo altruísmo), uma vez que o sacerdote responsável pelo evento, orientado pela deusa, o auxiliou a tornar à normalidade.

Quanto à história de Eros e Psiquê, retrataria o percurso feito por Lúcio, mostrado de maneira realista no nível da efabulação (ressalvado o elemento fantástico de sua metamorfose em asno), de modo sintético e didático, recorrendo entretanto a uma estrutura narrativa própria dos

ritos de mistérios.* Seu tema seria a descida da alma ao mundo e seu posterior retorno ao céu. Os pais de Psiquê, figurados como o rei e a rainha, seriam na realidade o Sol (a razão) e a Lua (a matéria). A chegada de Psiquê a um vale florido em que encontra um palácio no qual é acolhida e desposada representaria a entrada da alma no mundo material, no qual vem conhecer o amor (a princípio intelectualizado, uma vez que Psiquê ama Eros sem o ver). Contemplar as feições e o corpo de seu esposo e amante a aliena de sua natureza celestial e divina, pois a faz enredada pelo desejo, o que, por fim, causa a separação entre os dois. Para tornar-se apta a reaver esse amor, Psiquê terá de passar por um processo de purificação, marcado por provas difíceis de superar, a última das quais implica uma expedição ao mundo dos mortos, possivelmente significando sua morte para a matéria e renascimento no mundo celeste, para o qual regressa, uma vez que o texto afirma que ela será tornada divina.

Entretanto, apesar dessas possíveis referências filosóficas e esotéricas, nem tudo é alegoria na lenda de Eros e Psiquê. As queixas que as irmãs da jovem fazem de seus respectivos maridos é permeada pelo humor irreverente que encontramos ao longo de quase todo o enredo de *O asno de ouro*; quanto à atitude que elas acabam por adotar em relação a Psiquê, a crítica literária identifica nesse processo um pioneiro estudo psicológico sobre a inveja. Alguns elementos revelam também costumes bastante marcados na cultura da Roma antiga: a declaração pública, feita com a intermediação de Hermes, de que Psiquê é uma escrava fugida e que, portanto, não deve receber guarida da parte de ninguém, reproduz a determinação do direito romano no que diz respeito às prerrogativas legais do senhor; já a expectativa de um “casamento entre iguais”, a princípio de concretização impossível para o par Eros e Psiquê, também era, entre os romanos, uma conduta rigorosamente observada, visto tratar-se de uma sociedade de estrutura altamente hierarquizada.

Ao lado dessas breves considerações em torno do sentido de que se reveste a lenda, é importante notar também, ao finalizarmos esta

* Segundo Paul Harvey, “na Grécia, formas secretas de culto envolvendo doutrinas religiosas reveladas somente aos iniciados, provavelmente correlacionadas com a vida de além-túmulo”. (*Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.)

apresentação, a permanência do tema principal em nossa cultura, assim como a permanência da natureza de algumas das peripécias descritas em seu enredo. Nessa perspectiva, é forçoso lembrar, por exemplo, no que se refere a Psiquê e suas irmãs, o paralelismo que o conto de fadas *A Bela e a Fera* estabelece com a antiga lenda. Em ambos os casos, a inveja surge a partir do conhecimento da situação em que vive a heroína, cercada de riquezas. Outra coincidência entre esses enredos é a fatalidade que obriga um pai a ceder a uma criatura monstruosa a sua filha mais bonita. Para além dessas semelhanças mais imediatas, o que subjaz a essas duas narrativas é, porém, o tema da impossibilidade de um par realizar sua união a menos que uma transformação em seu *status* seja efetuada.

Já no que diz respeito às tarefas que Psiquê tem de executar para voltar a ser digna de unir-se a Eros, lembram elas as provas que o príncipe Tamino precisa enfrentar para concretizar sua aspiração de esposar Pamina, na ópera *A flauta mágica* (1791), de Wolfgang Amadeus Mozart. Mesmo levando em conta a inspiração dessa obra nos ideais da Revolução Francesa e nas concepções do Iluminismo, o fato é que Tamino passa por uma iniciação cujos ritos são emprestados da maçonaria, os quais guardam proximidade com a natureza dos trabalhos impostos a Psiquê. Esse aspecto pode ser verificado assistindo-se à adaptação feita para o cinema pelo diretor Ingmar Bergman (1918-2007), lançada em 1975, apesar das modificações feitas no roteiro original da ópera.

A continuidade da lenda também é registrada na literatura portuguesa. Sá de Miranda (1481-1558) a narra em sua “Écloga IV” e Fernando Pessoa a recria no poema “Eros e Psiquê”.

Essas referências são sugestões de contrapontos que podem auxiliar a compreender melhor algumas facetas do mito. Um estudo mais aprofundado, entretanto, certamente revelará outras possibilidades de abordagem e de compreensão, revelando a riqueza que Apuleio logrou concentrar nessa seção de seu livro.



Capítulo 1

Houve certa vez um rei e uma rainha que possuíam três filhas, todas muito bonitas.

Na realidade, as duas mais velhas eram belíssimas, mas, ainda assim, a mais nova as excedia na harmonia dos traços e na leveza dos gestos, emanando uma graça incomum. Era como se as duas primeiras manifestassem a perfeição da beleza humana, ao passo que a caçula parecia superar esse limite.

À medida que sobrevinham os anos, a beleza de Psiquê – era esse o nome da filha mais nova – desabrochava de maneira tal que os habitantes de sua cidade se convenceram de que a menina não era uma simples mortal, mas uma imortal nascida entre os humanos; julgaram que ela fosse a deusa Afrodite, divindade dos encantos femininos, da sedução e do amor, renascida para viver entre os mortais. E, assim, o sentimento e a atitude de todos diante dela, que haviam começado por uma admiração natural, transformaram-se em adoração.